

# As relações de gênero precisam mudar

Mesmo antes de nascer já somos nomeadas(os) meninas ou meninos e, neste mesmo instante, somos inseridas(os) em um universo de signos e valores que estabelece instâncias de poder e de atuação restritos e excludentes. É necessário tornar visíveis as crenças, os valores, o que há por trás daquilo que determina, com base nas diferenças biológicas, as características e os papéis sociais de mulheres e homens.

**Teresa Cristina Bruel dos Santos,**

psicóloga, doutora em Psicologia Social e Metodologia pela UAM de Madrid. Porto Alegre, RS.  
Endereço eletrônico: crisbruel@hotmail.com

Pretendo dar ênfase principalmente aos papéis sociais e aos estereótipos atribuídos às mulheres. Poderíamos pensar nos diferentes argumentos utilizados para indicar que as questões que estabelecem essas dicotomias estão sendo superadas e que os movimentos feministas já não teriam por que se preocupar com tal questão. Mas sabemos que as diferenças estabelecidas entre mulheres e homens são uma brutal expressão de um sistema com base no poder de dominação - desigualdade, opressão e discriminação.

A cada dia nos deparamos com uma infindável quantidade de mensagens que transmitem algum tipo de ideia, de visão de mundo, de compreensão da realidade acerca das mulheres e dos homens. Quando falo de realidade, me refiro à realidade socialmente construída, derivada de uma perspectiva patriarcal hegemônica - que prima por regular as relações sociais. Acredito que essa realidade precisa ser tensio-

nada, questionada, sempre que pensarmos nos vários significados que uma realidade pode assumir a partir dela mesma.

## Quem são as mulheres?

Nessa lógica, nas mais diversas culturas, os papéis tradicionalmente atribuídos às mulheres ainda estão, muitas vezes, relacionados às funções de mãe, esposa, cuidadora. Funções vinculadas com atividades do âmbito privado, referentes às tarefas reprodutivas.

A ideia de que as mulheres são, essencialmente, um produto da natureza impede a ação e a independência daquelas que não desejam seguir o paradigma da norma imposta pela cultura patriarcal. Dessa forma, percebemos que há um impedimento da expressão de uma pluralidade necessária acerca das diferenças. Como nos afirma a professora Guacira Louro, "tudo isso implica a instituição de desigualdades, de ordenamentos, de hierarquias, e está, sem dúvida, estreitamente imbricado com as redes de poder que circulam numa sociedade".

## Produção de estereótipos

O corpo é visto como um *cabide* da identidade, no qual características e papéis considerados apropriados vão sendo depositados a partir de construções sociais. Selam-se, assim, funções e destinos biológicos atribuídos a mulheres e homens de maneira diferenciada. As práticas discursivas funcionam no sentido de construir estereótipos femininos a partir do corpo sexuado, obrigando a inserção das mulheres dentro dessa lógica cultural.

O binômio mulher/homem marca uma desigualdade que ocorre devido a uma construção social assimétrica, assinalando papéis diferenciados e valorizados de acordo com o sexo das pessoas. E essas construções acabam regulando a convivência e produzindo *marcas* que imprimem determinados comportamentos ou modos de ser nas histórias pessoais de cada sujeito.

Existe todo um investimento familiar, escolar, midiático, institucional que participa ativamente dessa produção. Há mecanismos institucionais e sociais que controlam o campo da significação social e promovem representações de gênero, determinando o papel social atribuído às mulheres. Todas essas instâncias realizam uma pedagogia,



exercem uma influência que aparece de forma articulada, reiterando identidades e práticas hegemônicas enquanto subordina e hierarquiza as relações.

Em um mundo marcado pela diversidade é imprescindível entender que as potencialidades humanas ocorrem independentes do sexo biológico. E a partir daí podemos promover a autonomia, a crítica e o respeito às singularidades. É preciso continuar sonhando com outro mundo, outras lógicas, outras possibilidades e principalmente com formas diferentes destas que ditam categorias e instauram saberes.

## Sugestões de Leitura:

*O corpo educado: pedagogias da sexualidade*, de Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

*Gênero e cultura: questões contemporâneas*, organizado por Marlene Strey, Sonia Cabeda e Denise Prehn. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

*Em rebeldia*, de Clarice Castilhos e Marian Pessah. Porto Alegre: Libertária, 2009.

## Sugestão de Filme:

*Pelos meus olhos* (2003). Direção: Icíar Bollaín. 102 min.

## Questões para debate

- 1 - Em nosso cotidiano, como podemos perceber as funções e as características atribuídas a mulheres e homens de forma diferenciada (e que muitas vezes consideramos naturais)?
- 2 - Como e por que o patriarcado (lógica de domínio dos homens sobre as mulheres) se mantém no mundo?
- 3 - Que iniciativas ajudam a superar as desigualdades decorrentes da diferença sexual?